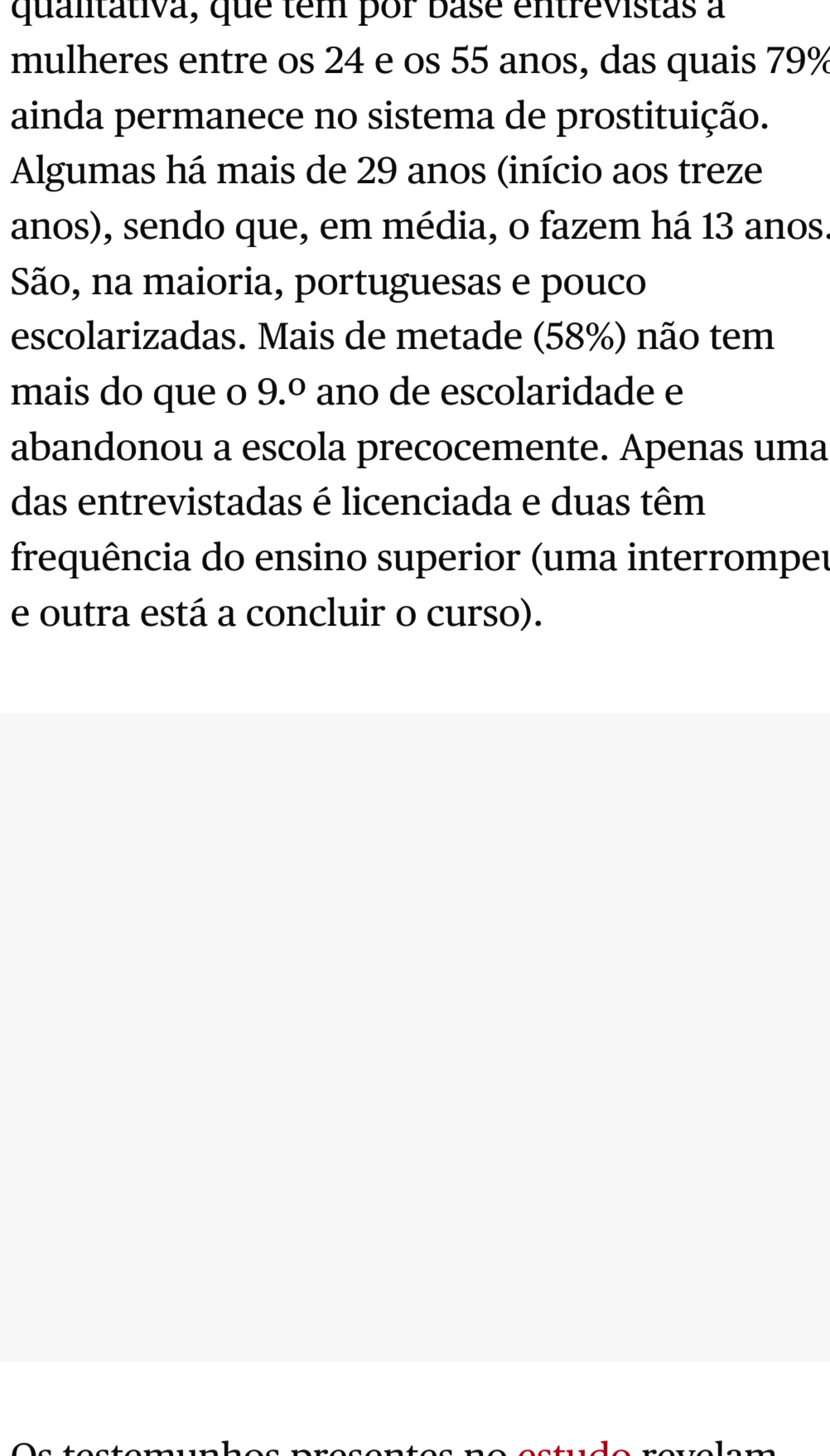
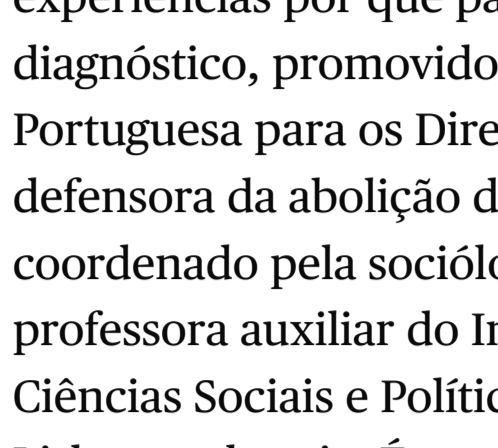


## PROSTITUIÇÃO

# Pandemia agravou condições de mulheres na prostituição

Estudo diagnóstico sobre as mulheres no sistema de prostituição em Lisboa é apresentado esta sexta-feira e pretende ser uma ferramenta para ajudar na reflexão sobre o tabu que ainda é a prostituição.

**Cristiana Faria Moreira**  
28 de Outubro de 2021, 21:22



PAULO PIMENTA

“Só vai para a rua quem não tem nada. E depois vamos ficando, porque também já não temos nada a perder. Ali ninguém vale nada, nem os clientes, nem nós. Estamos ali, mas é como se não estivéssemos. Para eles, nós não somos gente, para nós, eles também não são gente.” O relato cru é de Olívia (nome fictício), uma das 24 mulheres em situação de prostituição que integram o estudo sobre esta realidade na região de Lisboa. E onde se fala do impacto da pandemia nesta actividade e da forma como as redes estão cada vez mais organizadas, visível na crescente prática em espaços fechados.

É nas histórias de vida destas mulheres e nas experiências por que passaram que o diagnóstico, promovido pela Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres, defensora da abolição da prostituição, e coordenado pela socióloga Maria José Núncio, professora auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, se baseia. É uma análise essencialmente qualitativa, que tem por base entrevistas a mulheres entre os 24 e os 55 anos, das quais 79% ainda permanece no sistema de prostituição. Algumas há mais de 29 anos (início aos treze anos), sendo que, em média, o fazem há 13 anos. São, na maioria, portuguesas e pouco escolarizadas. Mais de metade (58%) não tem mais do que o 9.º ano de escolaridade e abandonou a escola precocemente. Apenas uma das entrevistadas é licenciada e duas têm frequência do ensino superior (uma interrompeu e outra está a concluir o curso).

Os testemunhos presentes no estudo revelam histórias de vida que acabaram a empurrar estas mulheres para a prostituição. Relatam situações de pobreza nas famílias, empregos pouco qualificados e, por isso, mal pagos. Falam de percursos familiares marcados pela criminalidade, “onde prevalece uma elevada violência física, verbal e sexual, fruto de relações abusivas e dependência emocional”.

As mulheres na prostituição que foram entrevistadas dizem estar a viver “em situação de necessidade ou extrema necessidade económica”, uma situação agravada pela pandemia. Também os profissionais entrevistados notam que o contexto pandémico “não apenas reduziu o número de compradores, como levou a um abaixamento dos preços praticados, como se constata, também, nos anúncios analisados, em que o intervalo de valores mais comum é o dos 15 a 25 euros”, refere o documento.

Em relação aos locais das práticas, a prostituição acontece predominantemente dentro de apartamentos e bares, ou seja, espaços fechados onde se incluem também “casas de massagem” e “agências de acompanhantes”. Mais do que na rua (**mas também via webcam na Internet**). Entre as entrevistadas, apenas cinco dizem ter feito prostituição na rua - duas já abandonaram - e revelam um contexto ainda mais vulnerável: toxicodependência e situação de sem-abrigo.

A prostituição de rua, notam as autoras, “está, sobretudo, associada à toxicodependência e/ou ao envelhecimento das mulheres, o que corrobora, também, a situação comumente reconhecida de perda de valor das mulheres mais velhas, que leva a que não possam continuar nos espaços fechados e passem a prostituir-se na rua”.

Ao mesmo tempo, o diagnóstico nota que as mulheres que deixaram o trabalho sexual se encontram em contexto de prostituição de rua - um contexto em que é mais fácil serem abordadas por instituições sociais e onde têm maior “liberdade” para procurar de apoio, notam as autoras. As mulheres entrevistadas caracterizam a evolução do próprio sistema “como estando crescentemente organizado, violento e controlado por redes, sendo que o próprio fechamento dos espaços é apontado quer como factor de maior violência, quer como marca da organização do sistema”, de tráfico e de lenocínio.

## Abolição ou actividade profissional?

A partir das entrevistas feitas às mulheres e a profissionais que com elas lidam, as autoras do estudo concluíram que quem recorre à compra de sexo são, maioritariamente, homens casados com mais de 40 anos. No entanto, notam, “verifica-se um aumento do número de jovens rapazes que compram sexo, quer em contextos ‘recreativos’, quer através da Internet”.

A partir destes relatos, a análise conclui existir uma “regularidade” no comportamento de quem recorre à compra de sexo. “Este tipo de procura objectifica sexualmente as mulheres, atribuindo-lhes um “valor” consoante preferências etárias, características físicas e até origens étnico-raciais, tornando a relação em algo assimétrico de poder”, que não raras vezes resvala para situações de abuso e violência.

O diagnóstico, que decorreu entre Julho de 2020 e Junho de 2021, resulta de entrevistas a mais de 60 pessoas, entre mulheres que estão ou estiveram no sistema de prostituição e profissionais com intervenção directa junto desta população. Entre estes, nota o estudo, 15% (predominantemente da área da saúde ou da intervenção social na área da redução de danos) é favorável ao **reconhecimento da prostituição como actividade profissional** ou à sua regulamentação - **uma matéria que, como se vê, não é consensual**. “O facto de esta opinião ser defendida por profissionais ligados às práticas de redução de danos reforça o pendor sanitário deste tipo de enquadramento legal, ao colocarem a ênfase na importância, em nome da saúde pública, do rastreio das pessoas que se prostituem”, refere o documento.

Os principais obstáculos identificados pelos profissionais à intervenção nesta área prendem-se com a “escassez de apoios, as assimetrias nacionais e a ausência de articulação de respostas a este problema”. “Também a consciência de representações sociais negativas, quer no desenvolvimento de políticas públicas, quer no acesso a respostas sociais são apontadas como dificuldade”, refere o estudo, que nota ainda que estes técnicos alertam para a necessidade de criação de planos de apoio ao nível autárquico.

Este diagnóstico é ainda acompanhado por uma proposta de Estratégia Nacional de Prevenção e Apoio à Saída do Sistema de Prostituição, assente em cinco eixos - da prevenção aos apoios e serviços - e valorização e capacitação destas mulheres -, com 47 medidas concretas, que passam pelo acompanhamento de situações de risco de abandono precoce da escola ou a criação de respostas orientadas para o envelhecimento das mulheres. Propõe ainda “maior robustez jurídica dos crimes de lenocínio simples e agravado” e “mais investigação e condenações pelos crimes de lenocínio e exploração sexual, bem como pelos crimes de tráfico de seres humanos, através de uma maior alocação de recursos humanos e materiais aos Órgãos de Polícia Criminal”.

O estudo inclui ainda um capítulo dedicado à análise da cobertura noticiosa feita pelo *Correio da Manhã* e pelo PÚBLICO sobre o assunto nos anos de 2019 e 2020. As autoras concluem que os artigos veiculam “um padrão de vulnerabilidade, agressividade e discriminação”, sendo visível “um reforço dos estereótipos e preconceitos sociais relativos à prostituição e aos mitos que lhe estão associados”.

As conclusões deste diagnóstico, integrado no projecto Exit (**uma campanha pela abolição do sistema da prostituição em Portugal**) e financiado no âmbito do programa EEA Grants, através do programa Cidadãos Ativ@s, serão apresentadas esta sexta-feira no Seminário Internacional da Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres no Brotéria - Centro Cultural, em Lisboa. Será também transmitida online.

PUB

cristiana.moreira@publico.pt

## LER MAIS

**REDES SOCIAIS**  
**Facebook muda de nome. Agora chama-se Meta**

**HORA CIVIL**  
**A hora muda na madrugada deste domingo. Há datas para continuar a mudar a hora até 2026**

**EXCLUSIVO ENTREVISTA**  
**Jonathan Franzen: “Os dogmas à esquerda e os mitos à direita assemelham-se a intolerância religiosa”**

**EM DESTAQUE**

**EDIÇÃO IMPRESSA**  
**29 de outubro de 2021**

## OPINIÃO

**P**

**SIGA-NOS**  
 Alertas  
 Newsletters  
 Facebook  
 Twitter  
 Instagram  
 LinkedIn  
 YouTube  
 RSS

**QUIOSQUE**  
 Aplicações  
 Loja  
 Iniciativas  
 Novos Projectos

**LAZER**  
 Cinecartaz

**SOBRE**  
 Ficha Técnica  
 Estatuto Editorial  
 Provedor do Leitor  
 Autores  
 Contactos  
 Público+  
 Publicidade

**ASSINATURAS**  
Estante P  
Descontos para assinantes  
Edição impressa  
Clube P

EMAIL MARKETING POR